

Fundação Getulio Vargas

**Veículo:** Folha de S. Paulo -  
SP

**Data:** 26/11/2017

**Tópico:** EPGE

**Página:** Capa/A21,A23

**Editoria:** -

## **MERCADO**

**Mulheres receberam  
84% dos salários  
pagos a homens  
no ano passado** A21

---

# Mulher recebe 84% do salário do homem

Elas ganharam, em média, R\$ 6.000 a menos que eles no ano de 2016, segundo dados do Ministério do Trabalho

**Diferença caiu em relação a 2015, quando era de 82%; paridade é rara no país e ocorre em especial no DF**

**LAÍS ALEGRETTI**  
DE BRASÍLIA

Trabalhadoras brasileiras receberam o equivalente a 84% do salário dos homens no Brasil, em média, em 2016. As informações são do Ministério do Trabalho, com base na Rais (Relação Anual de Informações Sociais).

O salário médio dos homens foi de R\$ 2.886,24 no ano passado, e o das mulheres, de R\$ 2.427,14. Considerando a remuneração de todo o ano passado e o 13º salário, as mulheres receberam, em média, R\$ 6.000 a menos que os homens.

Apesar da diferença, os números apontam uma melhora em relação a 2015, quando a remuneração feminina representava 82% do salário masculino. Os dados levam em consideração empregados formais no setor privado e no serviço público do país.

“Existem diversas explicações para o fato de esses ‘gaps’ ainda prevalecerem. A discriminação é uma delas”, afirmou Cecilia Machado, professora da Escola Brasileira de Economia e Finanças da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Segundo a economista, há outras razões. As mulheres muitas vezes optam por posições com, por exemplo, mais flexibilidade, o que pode interferir no salário. Além disso, é possível que as empresas em que as mulheres trabalham paguem menos, mas ofereçam outros tipos de benefício que não são mensurados no salário.

## ESCOLHAS

A questão do preconceito tem várias facetas. Em muitos casos, interfere até nas escolhas individuais. As próprias mulheres podem evitar carreiras que pagam melhor, mas são vistas como trabalho de homem, diz a professora.

A engenheira Letícia Garcia viveu na pele essa percepção mais sutil. Em 2003, foi uma das oito mulheres que passaram no vestibular para cursar engenharia elétrica na UnB (Universidade de Brasília). Elas comemoraram um recorde: era a primeira vez

que uma quantidade tão grande de alunas era aprovada para o curso. Ao mesmo tempo, 36 homens compunham a turma de calouros.

“As pessoas questionam o porquê de você fazer um curso tão masculino. Eu respondia só que gostava de física e matemática. Tinha 17 anos, dava uma resposta inocente, não via maldade naquilo”, lembra Garcia, hoje aos 32 anos.

Brasiliense, ela conta que ficou pouco tempo na iniciativa privada, como engenheira eletrônica, e não notou diferença salarial em relação aos colegas homens. Mas era sempre minoria. “Em todos os meus empregos anteriores tinha mais homens do que mulheres. Muitas vezes eu era a única mulher”, diz.

Em 2011, foi aprovada em concurso da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) e passou a ter uma leitura mais particular ainda do mercado de trabalho: que o funcionalismo tende a dar um tratamento mais igualitário entre homens e mulheres.

“Não tem diferenciação pois você entra num cargo independentemente do seu gênero, por meio de concurso.”

De fato, segundo o levan-

tamento, no Distrito Federal, as mulheres ganharam, em média, o equivalente a 98,6% do salário médio dos trabalhadores homens. É a menor diferença nacional. A explicação está no grande número de funcionários públicos.

“No Distrito Federal, como o acesso ao mercado se dá principalmente por concurso, e as mulheres são maioria na aprovação, isso deve estar contribuindo para equalizar os salários”, afirma o coordenador-geral de estatísticas do Ministério do Trabalho, Mário Magalhães.

Há casos em que elas recebem até mais. Na administração pública e na construção civil do Distrito Federal, elas ganham, na média, mais que os homens —38,5% e 19,5% acima, respectivamente.

Para Garcia, no fim, a sua escolha foi gratificante. “Hoje vejo que fiz uma escolha boa para uma pessoa do meu gênero. Se tivesse na iniciativa privada, ganharia mais ou menos dinheiro? Como mulher, atingiria meu objetivo? Não sei”, diz. “Mas gosto de acreditar que as mulheres estão todas ocupando o seu espaço.”

» LEIA MAIS na pág. A23



Letícia Garcia,  
engenheira da Anatel e  
que foi sempre minoria  
quando trabalhava no  
setor privado

Petro Ladeira/Folha



# Diferença salarial entre elas e eles é maior em SP

Mulheres receberam 80% do salário dos homens no Estado mais desenvolvido

**Preferência delas por vagas no comércio, que paga valores menores que os da indústria, seria uma das causas**

DE BRASÍLIA

São Paulo é o Estado que apresentou a maior diferença no levantamento que compara os ganhos entre gêneros: as mulheres receberam, em média, salário equivalente a pouco mais de 80% da remuneração masculina. Próximo a esse patamar também estão Rio de Janeiro, Santa Catarina e Espírito Santo.

Na avaliação do coordenador-geral de estatísticas do Ministério do Trabalho, Mário Magalhães, uma razão para a disparidade estaria no perfil do mercado de trabalho e em como é ocupado.

Segundo ele, mulheres estão mais presentes nos setores de comércio e serviço; homens, na construção civil e na indústria de transformação.

“São Paulo tem a economia mais dinâmica e moderna do país. Nesse caso, tem peso grande da indústria de transformação, que, em geral, tem salário maior que o comércio”, afirma Magalhães.

Estados do Nordeste e do Norte estão no extremo oposto: têm as menores diferenças. Destacam-se Pará, onde as mulheres ganham o equivalente a 98,2% do salário dos homens, e Alagoas, onde a relação é de 96,9%.

Nesse caso, a equidade é

explicada pelo fato de o levantamento considerar o emprego formal, que nessas regiões tem importante participação do setor público, em que cargos e salários são definidos em concurso.

## SUPERAÇÃO

No setor privado do Nordeste, o mercado pode ser duro com as mulheres, diz Maria do Amparo Xavier Santos, 62, que atua nas obras do metrô de Salvador, na Bahia.

Ela começou a trabalhar na construção civil na adolescência, aos 14 anos. Foi servente, carpinteira, eletricitista, armadora. Aos 34, tornou-se a primeira mulher mestre de obras na Bahia, chegando a comandar equipes com mais de 200 operários.

“Foi muito difícil. Quando procurava trabalho, diziam que vaga para mulher era só para lavar o banheiro da obra”, afirma.

Para crescer na profissão, concluiu os estudos e faz cursos técnicos. Mesmo assim, diz que ganhava menos que os colegas homens e chegou a ser discriminada por um dos chefes. Buscou reparação na Justiça e venceu o processo por assédio moral.

Nos últimos anos, dedicase a inserir mulheres na área da construção. Foram mais de 1.500. Mas não viu nenhuma outra ascender ao mesmo cargo. “Fui a primeira e sou a única”, diz ela. (LAÍS ALEGRETTI)

Colaborou JOÃO PEDRO PITOMBO,  
de Salvador

## Desigualdade não cai em país rico e faz acender alerta

DE SÃO PAULO

A diferença de salário vida pelas brasileiras, que em 2016 ganhavam 84% do salário de um homem, não é muito diferente da que acontece com as profissionais no exterior.

Levantamento da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, grupo que reúne algumas das economias mais ricas do mundo) mostra que as mulheres que tinham emprego de tempo integral ganhavam 85% do valor recebido por homens.

O dado fez a organização soltar um sinal de alerta no mês passado. Isso porque, apesar de nos últimos cinco anos alguns países terem implementado políticas para reduzir a desigualdade, ela pouco mexeu de 2012 para cá.

A maior diferença está na Coreia do Sul, a nona maior economia mundial e dona do 26º maior PIB per capita. Lá, as mulheres ganham 37% menos do que os homens. A menor está na Bélgica, 3,3%.

Nos EUA, a principal economia do mundo, as mulheres ganhavam 18% menos do que os homens no ano passado, nada muito diferente do cenário observado em 2012, quando a diferença era de 19%.

A explicação da OCDE é que, ainda que as profissionais dediquem mais anos aos estudos (48% têm ensi-

no superior, ante 36% delas), a educação delas geralmente não está voltada para o grupo ciência, matemática, tecnologia e engenharia, que costuma levar a melhores salários.

De cada 5 pessoas que ingressam em cursos universitários de engenharia e informática, só 1 é mulher.

Além disso, é mais comum que elas trabalhem em meio período, o que diminui, na média, os seus ganhos em comparação com os homens.

### CARGO DE CHEFIA

Levantamentos internacionais mostram que homens e mulheres trabalhando na mesma empresa e com cargos similares têm uma diferença irrisória de salário. O problema é que elas geralmente vão para cargos com salários menores e com chances reduzidas de promoção.

Menos de um terço dos postos de gerência nos países da OCDE é ocupado por mulheres. Mesmo quando a comparação só leva em conta cargos assim no funcionalismo federal, o número não é muito diferente: 33%.

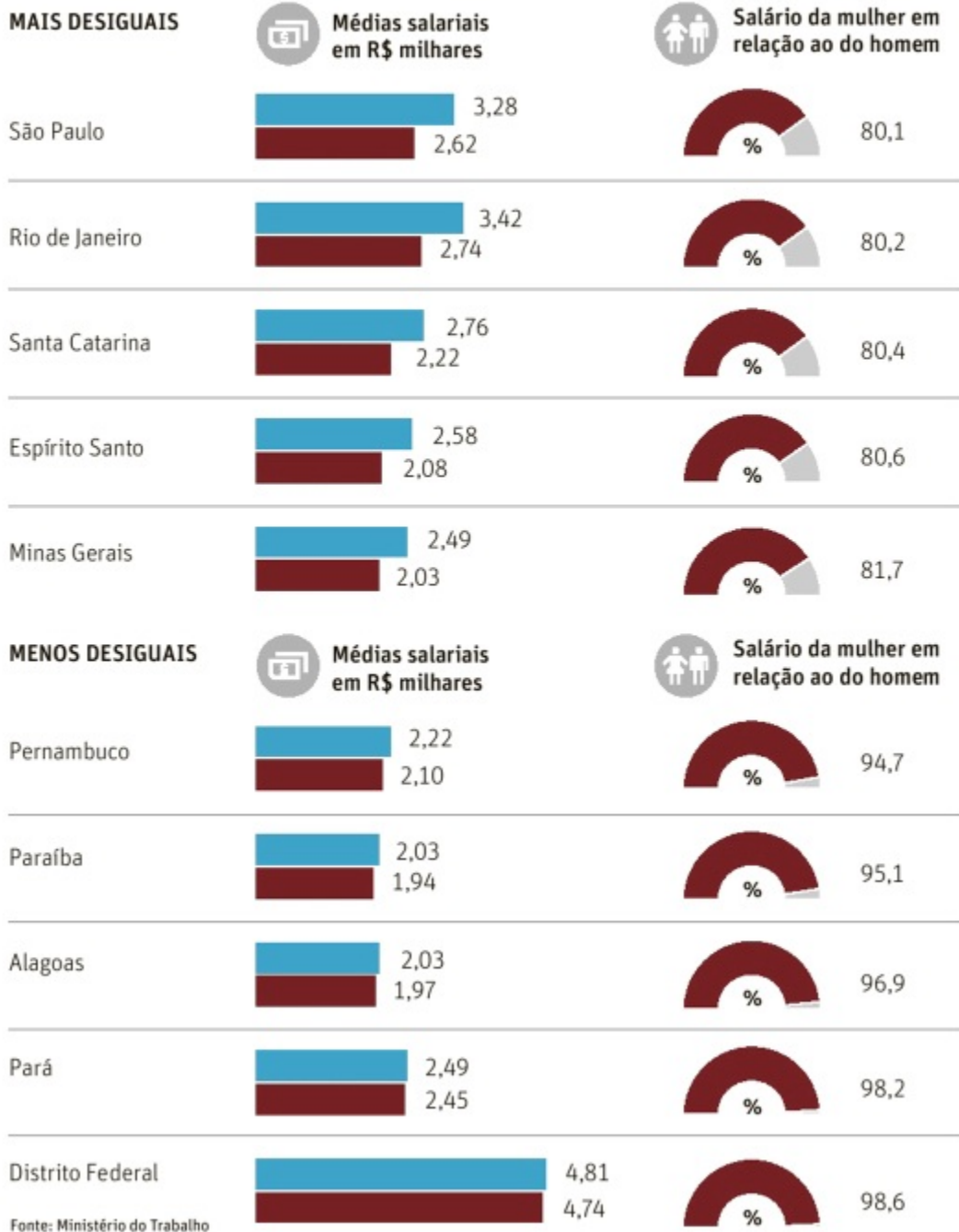
Até quando buscam trabalhos por conta própria (como ambulante ou vendedor de Uber, para trazer profissões bem presentes para o brasileiro), elas estão em desvantagem. Na maioria das grandes economias, ganham 20% menos do que os homens.

De acordo com a OCDE, reduzir pela metade a diferença de ganhos entre homens e mulheres elevaria em 2,5 pontos percentuais o PIB global até 2025.

**DESIGUALDADE**

Salário médio das mulheres é inferior ao dos homens em todos os Estados do país; DF tem a menor diferença, e SP, a maior

● Homens ● Mulheres



Fonte: Ministério do Trabalho